

8. Beber o cálice de Cristo

Jesus nunca se irritou porque seus discípulos eram cheios de limitações e incapazes de mudar. Entristeceu-se e irritou-se por ver que pretendiam fazer por si sós, que se sentiam capazes de dar a vida por Ele com as próprias forças, indo assim diretos em direção ao fracasso, a infidelidade, a traição mesquinha da vocação deles, como foi para Pedro, ao invés de segui-lo com confiança.

Como quando os filhos de Zebedeu se apresentam diante de Jesus acompanhados pela mãe, para pedir para terem os dois primeiros lugares no Reino dos Céus depois de Jesus, ou seja, para estarem a sua direita e a sua esquerda (cf. Mt 20,20ss). Quem sabe, se Jesus tivesse concedido, se também no Céu não teriam discutido sobre quem deve se sentar a direita e quem a esquerda! A ambição, de fato, nunca encontra descanso, vê sempre um lugar melhor do que o seu para conquistar. Nós também, frequentemente, somos levados psicologicamente por alguma "mãe" ou "pai" que nos sussurra que não somos suficientemente valorizados, que devemos nos mostrar, obter uma promoção.

Jesus, nesta cena, não perde tempo em discutir com a mãe ambiciosa, até porque sabe que as mães são assim, e não veem problema em querer o melhor para os seus filhos. Jesus, contudo, chamou Tiago e João para o seguirem, e se preocupa com a vocação deles e com a verdade em segui-lo. Jesus quer ser seguido em verdade. Sabe que se for seguido errado, pode se acabar por trair e se enforcar como Judas. Judas tinha certamente uma boa vocação apostólica, porque o próprio Jesus o chamou, e quem melhor que Cristo poderia discernir uma vocação? Mas não permitiu que Cristo o ensinasse a segui-lo, ajudando-o a viver uma real conversão da busca dos seus próprios interesses na busca daqueles de Jesus. Isto levou ao fracasso da vocação de Judas.

Por isso Jesus recoloca imediatamente Tiago e João no trilho certo: "Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que estou prestes a beber?" (Mt 20,22).

Respondem imediatamente, sem hesitação: "Nós podemos!" São jovens, entusiasmados, presunçosos, certamente generosos. Não só não sabem o que estão pedindo, nem sequer o que podem realmente prometer. Não sabem o que significa beber o cálice de Jesus. Claro, beber no mesmo cálice é sinal de comunhão, amizade, significa partilhar o mesmo destino. Mas Tiago e João, assim como os outros apóstolos, não sabem que comunicar o destino de Cristo significa beber com Ele o cálice da Paixão, aquele que o próprio Jesus terá dificuldade em aceitar das mãos do Pai: "Pai, se for possível, passa de mim este cálice. Mas não como eu quero, mas como vós quereis" (Mt 26,39).

Notemos que Jesus não mortifica o entusiasmo dos dois discípulos: "O meu cálice, sim, vós o bebereis" (Mt 20,23). Não acrescenta, porém, que não poderão beber com as próprias forças, mas pela graça do Espírito, que receberão depois que Cristo tiver bebido primeiro e sozinho, abandonado por todos eles, o cálice da Paixão até a morte na Cruz.

Sempre me impressionou o Salmo 115: "Que darei ao Senhor por aquilo que Ele me deu? Levantarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor. Cumprirei os meus votos para com o Senhor perante todo o seu povo. Preciosa aos olhos do Senhor é a morte dos seus fiéis". (Sl 115,12-15)

É uma profecia da nossa participação eucarística na Paixão de Cristo. Recebemos tudo do Senhor. Como podemos ser, de verdade, gratos a Ele? Como restituir a Ele, que nos deu tudo o que temos e somos? A nossa gratidão a Deus nunca pode ser outra coisa senão uma "ação de graças", uma "devolução" a Ele do que recebemos, tudo o que temos e somos. Mas agora sabemos que o Pai nos deu o seu Filho, nos deu com a Encarnação e a Paixão redentora, e então temos algo infinitamente precioso para oferecer ao Pai para lhe agradecer por tudo, para lhe restituir tudo: o próprio Filho, oferecido no Pão e no Vinho, oferecido no cálice da Salvação invocando o nome do Senhor, adorando a sua Presença.

Só dentro deste mistério podemos então dizer com verdade: "Sim, podemos beber o cálice de Cristo, podemos participar do destino de Cristo, podemos morrer com Ele"! Mas não porque somos capazes, como acreditavam Tiago e João, como acreditava Pedro. Podemos porque Cristo já ofereceu tudo morrendo por nós, sofreu o nosso sofrimento, sofreu a nossa solidão, experimentou o nosso desespero, morreu da nossa morte. Podemos beber o cálice de Cristo porque Ele o bebeu completamente por nós. A "morte dos seus fiéis" que o Salmo 115 canta, a nossa morte, o nosso sacrifício, o nosso sofrimento, tudo é realmente precioso porque tudo foi bebido no Seu cálice: Ele já sofreu o nosso sofrimento, foi abandonado na nossa solidão, suou o sangue da nossa agonia, morreu da nossa morte, a minha morte, a morte de cada um de nós, a morte de cada ser humano, de cada pecador. Agora já não podemos mais morrer apenas da nossa morte: podemos morrer da nossa morte vivida por Cristo na Cruz, da sua e nossa morte salvadora. Não podemos mais sofrer apenas do nosso sofrimento, ou estar sozinhos e abandonados apenas na nossa solidão. Temos a impressão de que seja assim, mas não é verdade. A nossa morte, o nosso sofrimento, a nossa solidão abandonada, o nosso desespero, Cristo tomou para Si. Como, aliás tomou a vida. Não podemos nos limitar a viver a nossa vida, porque Cristo já viveu a nossa vida, tornou-se Sua, e é como se não houvesse mais espaço de vida para nós do que na vida de Cristo, do que em Cristo que assumiu toda a nossa vida. Como São Paulo escreve aos Tessalonicenses: "Pois Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, afim de que, ou vigiemos ou durmamos, vivamos juntamente com ele." (1 Tess 5,9-10)

É sobre esta base que devemos compreender os nossos votos e empenhos vocacionais, e o verdadeiro sacrifício que nos pede: "Cumprirei os meus votos para com o Senhor perante todo o seu povo. Preciosa aos olhos do Senhor é a morte dos seus fiéis". (Sl 115,14-15)